

A mulher na Revista *A Bomba* (1913): Charges e Representações¹

Bárbara Macena Gregory²

Níncia Cecília Borges Teixeira³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

Resumo

A pesquisa tem como objetivo analisar o conteúdo da Revista *A Bomba*, de 1913, associando-o ao cenário político-social da época. Enfoca-se a representação feminina, caracterizando, do ponto de vista dos estudos de Gênero, as ilustrações (charges) que tratam da mulher nesta revista, que foram inseridas de uma maneira enfática nos meios de comunicação da época. Esta prática polemizava e ironizava costumes e cenários político-sociais. A mulher neste contexto almejava espaço e visibilidade social e passou a ser conteúdo humorístico para as charges, ora contestando a instância pelo reconhecimento do feminino, ora dando voz à sua luta. O estudo investiga a maneira como a mulher passou a ser abordada e representada nesta revista de humor no contexto da modernização.

Palavras-chave: gênero; charge; Curitiba.

Introdução

A pesquisa analisa a Revista *A Bomba*, publicada em Curitiba – PR no ano de 1913. A proposta é discutir aspectos de representação da mulher, então ocorridos no estado do Paraná há um século, questionando de que maneira a mulher está retratada na revista citada e qual foi o significado dessa mídia no meio social da época. O trabalho tem como fonte de pesquisa as revistas publicadas, que contextualizam em forma de charges, o feminino e suas representações. Neste sentido, as charges, objeto de pesquisa, encontram-se nas edições de números 13, 17 e na última edição duplicada de número 20/21, dos meses outubro, novembro e dezembro de 1913, respectivamente.

Analisando as produções escritas impressas (jornais e revistas) da época e do local, constata-se que a revista *A Bomba* foi um dos periódicos que se destacou pelo uso e ênfase na imagem; inúmeras charges e caricaturas compunham o conteúdo da revista, além de anúncios publicitários. Vale notar que em todas as capas publicadas havia ilustrações. A tipografia utilizada nos títulos também chamava atenção por suas letras sinuosas que retomavam características da *art nouveau*.

No cenário artístico-cultural curitibano de 1913, percebe-se uma forte influência da modernização a exemplo de outras metrópoles, como Rio de Janeiro e São Paulo, que por

¹ Trabalho apresentado na DT Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º ano do Curso de Publicidade e Propaganda da UNICENTRO, email: baa.gregory@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Profa Dra Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira. Professora do Departamento de Letras e do Programa Mestrado em Letras (UNICENTRO), email: ninciaborgesteixeira@yahoo.com.br

sua vez, sofriam influência da arte europeia e lançavam, de uma forma pulsante, práticas de mídia, produtos culturais, tendências comportamentais e de moda. A inserção da ilustração, do desenho em revistas era o retrato da expansão de revistas de humor durante o período anterior à primeira guerra mundial, conhecido como Belle Époque, conforme dito por Saliba (2002, p. 39).

A charge constitui-se de ilustração de cunho humorístico e crítico, fazendo referência a um ou mais personagens por meio de caricaturas com a finalidade de satirizar e tratar com humor acontecimentos da época. No início do século XX de um modo geral a charge retratava experiências urbanas. Na revista *A Bomba*, esta expunha a cultura, a arte, a política e assuntos midiáticos e cotidianos de forma humorística. O humor, a ironia, a piada eram a principal característica das charges publicadas em *A Bomba*. Conforme destaque feito pelos próprios produtores da revista, observa-se o que o conteúdo que comunicavam procurava tratar de assuntos variados, como a política, de maneira humorada. Vale notar, que a revista seguia as normas da língua do português de 1913, portanto, algumas palavras apresentam gramática específica daquela época, que até os tempos atuais passaram por alterações, porém, a compreensão ocorre normalmente:

Declaramos positivamente que *A Bomba* é inteiramente independente em suas feições religiosas políticas. É por esta razão que todos os dias filamos café no palacio Rio Branco, o chá no tugurio do Caio, o almoço em casa do Bispo, e o jantar no honrado lar do pastor protestante da Igreja Evangelica Persbyteriana Independente. (...) (*A BOMBA*, nº 3, p. 21. 1 jul. 1913)

A citação teve destaque no site da Hemeroteca Digital Brasileira e expressa a maneira satírica que a revista *A Bomba* se apresentava aos leitores.

Charges em revista: representações culturais

Há uma cultura veiculada pela mídia tais como imagens, sons e espetáculos que funciona como molde de opiniões, de identidade e valores, construindo uma “cultura comum para a maioria dos indivíduos” (KELLNER, 2011, p. 9) A revista como mecanismo midiático, aborda temas da sociedade e suas ideias podem influenciar o público receptor de suas mensagens, que passa a ter reações e comportamentos sugeridos por este meio de comunicação que se torna um produto da indústria cultural. Vale ressaltar o poder de persuasão que uma imagem pode causar no leitor, a exemplo da revista *A Bomba*, que utilizava a charge como forma de participação e intervenção social, colocando em evidência os principais fatos políticos e culturais da época, valorizando o humor e a ironia como características culturais desse período.

Reciprocamente a cidade fez daquela imprensa, dotada de tantos recursos, porta-voz na divulgação de seus feitos, sua riqueza, seu progresso. Vendeu sua imagem, em cores, clichês, charges, rotogravuras, e deu sentido às temáticas das revistas; prestou-se idealmente aos revolucionários experimentos da arte gráfica e do impresso, enquanto se tornava o instrumento preferido dos donos do poder, magnificando-lhe as realizações (MARTINS, 2001: 474).

Apesar da concentração dada às notícias, textos e anúncios de propaganda, as imagens chargísticas chamavam a atenção do leitor. Também existia alguém “atingido” além do leitor da revista, ou seja, levando em conta os que repassavam o que liam para outras pessoas, a mensagem transmitida na revista publicada poderia alcançar uma atmosfera ampla.

Neste sentido, alguns leitores podem ter considerado o conteúdo da charge tão interessante, cômico, crítico ou perturbador que comentou com outras pessoas do seu cotidiano (assim, a charge chegava aos olhos e/ou ouvidos de amigos na mesa de bar, de parceiros, de familiares, pais, mães, para a empregada, etc.). Portanto estima-se que as pessoas “tocadas” pelo conteúdo da revista - os receptores da mensagem - iam além daqueles que simplesmente a compravam ou assinavam. Se pensar naqueles que apenas folheavam a revista, sem interesse inicial em ler suas notícias e conteúdo, a imagem, no caso deste estudo, a charge, possuía um artifício persuasivo mais eficaz do que o texto em si da revista. Assim, a charge da revista *A Bomba* se tornava um elemento extremamente atrativo, pelo conjunto estético formado pelos números relevantes de imagens nas edições, pelas charges coloridas e pelas capas chamativas.

Segundo Douglas Kellner:

O rádio, a televisão, o cinema e outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles” (KELLNER, 2011 p. 9).

Portanto, percebe-se na revista *A Bomba*, inúmeros enunciados/títulos de charges que tratam de assuntos relacionados a questões de gênero, tais como casamentos, relacionamentos, moral, mulher e sociedade; profissões, como costureira, doméstica, engomadeira, normalista, médico, militar; de saúde, tais como a sífilis e a morte; assuntos econômicos e financeiros; temas políticos entre outros. A cultura da revista *A Bomba* traz conteúdos que influenciam ou levam as pessoas a terem um sentimento de pertencimento à determinada classe social, meio profissional, com manifestações de moral e costume

estabelecendo papéis sociais. Por outro lado, ao retratar esta variedade de assuntos, ela se constitui em representações do contexto social. Constrói representações da dinâmica social ou como diz Chartier, do tecido social.

Os textos de Roger Chartier (1990) são de importante relevância no presente estudo, pois é levado em consideração seus conceitos que discutem o termo representação/representado como resultantes de uma gama de signos e valores introduzidos ao meio social. O autor investiga o universo coletivo no seu livro *A história cultural: entre práticas e representações*, introduzindo-o ao leitor [...] “como uma resposta à insatisfação sentida frente à história cultural francesa dos anos 60 e 70.” (p. 13) e ainda coloca: “Numa palavra, poderá dizer-se que a história era então institucionalmente dominante e que se encontrava intelectualmente ameaçada.” (p. 13).

Ora, o presente livro pretende ilustrar (discretamente, atendendo a que não é esse seu objecto) uma outra maneira de pensar as evoluções e oposições intelectuais. E deseja fazê-lo traçando as determinações objectivas, expressas no habitus disciplinares, que regulam a relação da historia cultural francesa com outros campos do saber, próximos mas muitas vezes ignorados: a história literária, a epistemologia das ciências, a filosofia.” (CHARTIER, 1990 p. 16).

A revista *A Bomba*, quando comunica suas várias temáticas, formas culturais e vivências do cotidiano em forma de charges representava aspectos da realidade social. Considerando que o objeto de estudo são as charges em que o gênero feminino é abordado, percebe-se que a revista passa a transmitir aparências de determinado grupo social – as mulheres. A questão de pertencimento a determinado grupo social também é debatida no estudo de Chartier.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa desse tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito as classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (1990, p. 17).

O estudo mostra questões de representação e grupos sociais pensando aspectos da emancipação feminina, sendo abordado nas charges a partir do comportamento, das vestimentas, da posição que a mulher tinha ou que era imposta a pertencer, determinadas pela sociedade e sua cultura. Os meios de comunicação da época procuravam moldar um

discurso conservador que idealizavam a mulher perfeita como meiga, comportada, “do lar” e submissa aos homens da casa (quando solteira, obedecendo ao pai, e quando casada sujeita às ordens do marido).

As charges utilizavam com frequência a ironia e sátira para mostrar a visão dos homens, que ridicularizavam a mulher e sua vaidade ou a colocavam em posições intelectuais e sociais inferiores. Também trazia a personagem feminina como a esposa traída, a consumista, a sogra perturbadora, a recatada, viúva, a casada infeliz etc. Porém, em outros momentos, retrata cenas onde a conduta machista e conservadora é ironizada e acentuada para causar controvérsias. As caricaturas mostram a mulher e seu corpo com certa sensualidade e, por vezes, o homem é ignorado e afrontado em algumas falas.

Ressalta-se que a revista *A Bomba*, ao contrário das revistas de humor convencionais da época, utilizava da ironia para uma finalidade diferente: mostrar que a mulher rompia com os paradigmas da sociedade e da época dando voz à sua luta.

Assim, percebe-se que a revista *A Bomba*, como produtora de mensagem, procura transmitir questionamentos à sociedade. Valores, sentimentos e ideais são retomados e repensados através da revista.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 1990 p. 17)

Levando-se em consideração as observações de Chartier pode-se entender que a revista *A Bomba* se constitui em representações que circulam entre os leitores diretos e indiretos da revista e, neste caso, das charges. Assim, temos texto, leitor e público de diferentes gêneros e classes sociais fazendo interpretações variadas, pois existe uma força de determinados posicionamentos que a revista mostra, porém isso não significa que todos leiam e codifiquem da mesma forma. Portanto, a pesquisa baseia-se na teoria dos estudos culturais aprofundada nos pensamentos de Douglas Kellner. Além disso, será utilizado como referencial teórico os estudos que debatem aspectos de representação do escritor Roger Chartier e teorias ligadas à questões de gênero pelas obras de Michelle Perrot e ainda, os estudos culturais proposta por escritores como Ana Carolina Escosteguy (1998) e Armand Mattelart (2004).

As edições da revista *A Bomba* encontram-se com êxito da Hemeroteca Digital Brasileira, sendo assim, foi possível eleger a partir de busca no site, as três charges objeto de estudo após uma cautelosa investigação. Tendo a hemeroteca disponível em site, foi

possível analisar e perceber minuciosamente o perfil da revista, seu conteúdo geral e investigar as charges eleitas para a pesquisa com uma qualidade digital.

A revista *A Bomba* fazia suas publicações aproximadamente nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. A produção totalizou 20 números, que circularam em Curitiba de junho a dezembro de 1913. Sua primeira publicação ocorreu no dia 12 de junho de 1913 e a última publicação foi duplicada, ou seja, as edições de número 20 e 21 foram publicadas no mesmo caderno, em dezembro de 1913. Posterior à análise genérica da revista, a apuração das charges foi executada. Dentre as charges distribuídas nos 21 cadernos, percebeu-se que aproximadamente cinquenta tematizam a mulher. Desta miscelânea de cinquenta imagens, foi filtrada a charge “As aventuras do bacharel” que será analisada no decorrer do artigo.

O preço da revista avulsa era de \$400 e o número atrasado a \$500. Já a assinatura anual custava 14\$000 e a semestral 8\$000. Dados encontrados na Hemeroteca Digital Brasileira. O local onde era produzida a revista situava-se na Rua Marechal Deodoro, nº 36, no centro de Curitiba – PR. Do grupo produtor da revista, deve-se citar: Marcelo Bittencourt como editor e proprietário, Rodrigo Junior e Clemente Ritz que faziam as redações e os ilustradores que assinavam as charges como Euclides Chichorro (Félix), Aureliano Silveira (Sylvio), Hélio Scotti e K. Brito. As impressões eram feitas pela *Typografia Internacional*, situada na Praça Tiradentes n.27, também na capital paranaense.

Observa-se que as ilustrações e imagens de propaganda não foram escaneadas coloridas, mas suas publicações oficiais e coloridas encontram-se na Biblioteca Pública de Curitiba. Considerando observações por parte da orientadora optou-se por analisar uma revista paranaense levando em conta a linha de pesquisa da mesma. Ainda seguindo esta diretriz, a procura por uma revista paranaense se afunila para um estudo de gênero em que a mulher, o feminino fosse abordado. Logo, o conteúdo das charges da revista *A Bomba*, assim como a charge escolhida como objeto de estudo, se tornaram satisfatoriamente fundamentadas nesta esfera de pesquisa.

Vale ressaltar que os aspectos mostrados na revista são importantes para o entendimento do “peso” que a revista teve na sociedade. A pesquisa busca compreender a posição exercida pela imprensa de formatação da sociedade, a partir da pedagogia do gênero. Para tanto, o estudo tem como objetivo demonstrar que as revistas desempenham dispositivos de subjetivação para os leitores produzindo conteúdo validado no ambiente histórico-social. A partir deste momento irei introduzir a revista *A Bomba* neste ambiente.

Representações da mulher em páginas de revistas

Em um período de consolidação do Brasil-moderno, a imprensa tem papel primordial na construção de uma identidade, do que seria o modelo moderno ideal aos paranaenses. A partir das intersecções da vida moderna, toma-se como pano de fundo desta pesquisa a cidade de Curitiba no final do século XIX e nas primeiras décadas no século XX. Por se tratar da capital de um estado que começava a se formar, a imprensa, por sua vez, também caminhava em direção à ampliação. Mantendo ainda, muitos aspectos provincianos, Curitiba voltava seus olhares para a maior metrópole brasileira, naquele contexto: Rio de Janeiro, principal acesso dos ideais estéticos, culturais e políticos advindos da França.

No Paraná, em razão das influências de crescimento e desenvolvimento apresentados pelo Rio de Janeiro e da necessidade local, o cenário urbano da capital também foi remodelado, de maneira que as classes populares também fossem mantidas afastadas das áreas mais nobres da cidade. Entre 1890 e 1914, cerca de 50 mil imigrantes chegaram a Curitiba. Considerando esse significativo aumento no quadro populacional, foram geradas e implantadas uma série de políticas públicas, a partir dos Códigos de Posturas e Códigos Sanitários do Município. Esses programas entraram na casa dos curitibanos e passaram, de acordo com Marcelo Saldanha Sutil, no estudo intitulado *Espelhos por fora, miragens por dentro: a cidade e o morar no início do século XX* (2002), a determinar:

[...] normas higiênicas e saudáveis para residir; os médicos escreveram teses e estudos sobre a moradia e as condições da população, especialmente as camadas mais baixas. [...] Depositou-se nos conhecimentos técnico-científicos, visando à salubridade, à expectativa da solução de todos os males da cidade, que passou a ser planejada de forma a superar os obstáculos materiais. (SUTIL, 2002, p. 252)

Propiciando, não apenas uma vitrine para a elite paranaense, novos hábitos e práticas sociais começam a emergir: a rua como espaço de interação, e o nascimento dos teatros e cinemas como lugar informal de encontros da classe burguesa. Essas instituições se diferenciavam, de acordo com Needell (1993, p. 103), pelo “elevado custo de admissão, que servia de barreira econômica; e a exclusão social praticada ativamente”, mantendo, nesse sentido, um ambiente favorável para a realização de importantes contatos que fortaleciam as relações de poder, influência e riqueza, não muito diferente do que temos hoje, muito embora as cidades tenham crescido, os meios de comunicação adquirido grande abrangência, era de suma importância, de acordo com Needell (1993, p. 104):

[...] a natureza e a importância dos encontros informais no âmbito de instituições como clubes, teatros, casas, contribuíram para facilitar o convívio social entre poderosos e suas famílias. E, em consequência, as amizades, os namoros e as apresentações pessoais e contatos que tornavam a solidariedade de classe e a administração das relações pessoais as atividades calorosas, e certamente eficientes, que caracterizavam a elite da belle époque. (NEEDELL, 1993, p. 105)

O novo panorama da vida familiar que tentava ser implantado pelos grupos dominantes, seguindo o modelo europeu, considerado mais “civilizado”, permitiu que as mulheres se dedicassem a outras atividades relacionadas à filantropia e lazer, além dos limites da casa, mas esses efeitos não atingiram todas as camadas sociais, uma vez que isso só se deteve a classes mais abastadas. De acordo com Ana Scott, (2012, p. 18) esperava-se, que as classes populares fornecessem mão de obra adequada e disciplinada; e que o papel das mulheres menos abastadas era o de formar o trabalhador ideal.

Jeffrey Needell (1993, p. 164) assevera que “Em 1910, já era possível para as mulheres caminharem sozinhas enquanto iam às compras no centro (desde que elas não olhassem nem falassem com homens, conhecidos ou não)” Contudo, conforme afirma o teórico, é importante não confundir:

a maior mundanidade da mulher da belle époque com liberação. Um papel mais ativo e uma experiência mais abrangente não constitui liberdade – as mulheres eram mais experientes, refinadas e educadas como uma reação adequada, e como instrumentos, às necessidades e ambições dos homens dos novos tempos. (NEEDELL, 1993, p.164)

Embora os ideais propostos para as mulheres da elite representasse mais uma tentativa de dominação e controle masculina, elas conseguem se esvair pelas frestas que sempre existiram e assumem papéis importantes na organização da tessitura social e manipulam encontros, acordos e casamentos entre famílias que formavam a elite da época.

A imprensa, a partir dos discursos que se utiliza para representar a realidade, constitui uma forma clara para orientação e sugestão de modos de comportamento a serem seguidos. Segundo Pesavento (1995, p.33), “Ela vende um pedaço do real manipulado e tendencialmente sedutor, por que há um público a captar”. Nesse sentido a imprensa reforça a função de necessidade da mulher para a manutenção da família, no cuidado com a casa, os filhos e o marido, orientações aos empregados e ratifica as atribuições do papel destinado a mulher, conforme preconizavam os manuais descritos por Michelle Perrot (1991), no que concerne a preocupação como vestir, alimentar, educar, do universo da casa.

O papel principal cabe à senhora do lar, encarregada de fazer funcionar a vida privada tanto na intimidade familiar – cerimônias cotidianas das refeições e serões junto à

lareira – quanto nas relações da família com o mundo exterior – organização da sociabilidade, visitas, recepções. Ela deve regrar o curso das tarefas domésticas de maneira que todos, e o marido em primeiro lugar, encontrem em casa o máximo de bem estar. (PERROT, 1991, p.201).

As atividades do cuidar são inerentes à figura feminina e quando comparadas às ações masculinas são consideradas secundárias e dependentes. O espaço da casa, para a vida privada do homem, estava relacionado, de acordo com Perrot (1991, p. 201), com lugar de refúgio, “[...] onde os homens descansam do cansaço do trabalho e do mundo exterior”, e a mulher deveria “[...] fazer de tudo para dar harmonia a esse refúgio” (idem). Para Needell (1993), esperava-se que elas permanecessem fora dos espaços da vida pública, da política, das importantes decisões, do poder, e cumpram, nos espaços limitados por sua natureza, o cuidado com a casa, os filhos, podemos acrescentar ainda o cuidado com ela própria. Em suma essas ações estariam relacionadas a assuntos cheios de detalhes do âmbito privado, verificando como estão “as provisões de alimento, lenha ou carvão; ela verifica a roupa suja levada pela lavanderia e a roupa limpa trazida na semana seguinte” (PERROT, 1991, p.201), ou as tendências da moda, sobre como arrumar os cabelos e modelos para o vestuário adequado, conforme orientavam os textos “Como se devem vestir as meninas” e “Penteado Moderno”, mas todos de menor complexidade.

O papel da mulher na sociedade da elite embora onipresente, no que Needell chamou de “alto mundo”, também indica a subordinação, uma vez que elas sempre desempenham a função de coadjuvantes. Contudo, ainda de acordo com o teórico (1993, p.159) “[...] a subordinação a pais e maridos não significava falta de importância. Dentro de um patriarcado tradicional, a posição da mulher era ao mesmo tempo dependente e central”.

Ao representar a figura feminina, a imprensa constrói, projeta e estabiliza identidades sociais, em processos definidos histórica e culturalmente. Assim, as representações cristalizam-se em formas textuais e se associam a outros discursos. Dessa forma, a imprensa é um instrumento poderoso na constituição da memória social, as representações do real veiculadas pelos meios de comunicação inscrevem-se na memória e fazem parte de nosso imaginário, na medida em que constroem as narrativas que sustentam a ideia de nação e de identidade nacional, pois adquiriram um status institucional que lhes autoriza a interpretar e produzir sentidos sobre o social que são aceitos consensualmente pela sociedade.

Ao considerar os códigos, discursos e narrativas sociais a que se está exposto e que estão representados nos registros da imprensa, é possível analisar as representações que serviram para construir a identidade e a memória do feminino nos/pelos periódicos que fundaram e constituíram a tradição da imprensa escrita no Brasil. Os registros da imprensa, portanto, fazem parte do elenco de narrativas e discursos que irão participar da constituição dos sujeitos e definir os contornos das relações sociais. Discurso é, portanto, prática social: estamos constantemente construindo a nós mesmos e ao mundo nas práticas discursivas em que nos envolvemos. Nas páginas de muitas revistas, é possível perceber representações de feminino e masculino que retratam uma época, os modos de comportamento considerados válidos e legítimos para a parcela alfabetizada e de classe média da sociedade brasileira daquele momento, impressos nas páginas de uma revista.

Por meio da associação entre imaginário e social, as sociedades traçam identidades e estruturam representações através de símbolos, imagens, ideologias, mitos e rituais. Na construção desse imaginário, são oferecidas e modeladas as condutas esperadas, bem como os estereótipos, já que nessas relações existem articulações de poder, sendo o domínio do imaginário um importante lugar estratégico. As seções femininas nas revistas paranaenses, em geral, muito contribuíram para instituírem ideais de beleza e conduta, oferecendo modelos de comportamentos, tanto masculinos quanto femininos. Para Roger Chartier (1990, p.20), o conceito de representação deve ser entendido como um “[...] instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é”.

No início, as publicações femininas eram editadas em veículos destinados a um público pertencente a ambos os sexos, pois a ideia de público específico, como hoje se tem, não existia, porque a mulher não era sequer considerada. De acordo com a jornalista Dulcília Schroeder Buitoni, no livro *Imprensa Feminina*, as pessoas contrapõem a imprensa em geral e a imprensa feminina, no sentido de que o jornalismo de serviços seria mais para mulheres, enquanto assuntos como economia e política seriam voltados para os homens. Não nos esqueçamos de que o público é uma conceituação deste século, e ligada quase sempre a várias camadas sociais. Enquanto a imprensa feminina teve em vista desde logo a mulher, a imprensa masculina, dirigida ao homem, só veio a construir-se bem depois, em função da segmentação de mercado. (Buitoni, 1990, p. 8).

Maurice Duverger (1976) subdivide a imprensa especializada em imprensa de público especializado e imprensa de assunto especializado. Ele afirma que imprensa

feminina é assunto especializado, assim como periódicos esportivos, literários, revistas de TV, dentre outros, de modo que o conteúdo seria responsável pela sua classificação. Essa ponderação ajuda na sua caracterização de “imprensa feminina”, sem enquadrá-la, no entanto, como imprensa de assunto especializado, argumentação legitimada pelo que nos explica Buitoni: “Imprensa de interesse geral, imprensa de público especializado, imprensa de assunto especializado, nenhuma definição é adequada ao tipo de mídia que ora analisamos. Interesse geral não seria, embora homens também sejam leitores de veículos femininos. Mulheres não constituem um público especializado; além disso, não dá para falar em especialização de assunto, porque a gama possível de matérias é muito grande. (1990, p.15)

Evelyn Sullerot (1963) classifica como femininos os periódicos que se proclamam destinados à clientela feminina e que foram concebidos objetivando um público feminino. Entretanto, o ser escrita para, não implica em ser escrita por mulheres. As revistas publicadas no início do século XX, isso pesa consideravelmente, pois a maioria foi pensada e escrita, na quase totalidade, por homens, a intelectualidade brasileira do período, oriundos do nacionalismo modernista dos anos 20. De qualquer forma, isto é um reflexo da exclusão feminina da época, do afastamento das áreas da cultura e do poder; a mulher era para ser dirigida e não dirigir.

Xandoca, a normalista em *A Bomba*

A charge intitulada de ‘As aventuras de um bacharel’ foge da estética de charge que a revista segue na maioria de suas edições. Esta ilustração segue a estrutura de histórias em quadrinhos, contendo seis quadros ilustrados com uma legenda e/ou fala embaixo de cada um. A charge retrata uma conversa entre dois personagens, um homem e uma mulher. Nota-se que a linguagem das legendas/textos/falas das charges, segue normas da língua portuguesa do ano de 1913, portanto a gramática das charges, tanto quanto a da revista *A Bomba*, estão regularizadas conforme lei ortográfica daquela época. Apesar disto, a leitura e a compreensão das frases acontecem normalmente.

Retomando descrições feitas anteriormente sobre as temáticas abordadas nas charges em *A Bomba*, nesta charge a mulher é representada pela normalista e o homem na pequena história é um bacharel, nomeado de dr. Pellado. A normalista é chamada de Xandoca. A temática abordada é o casamento, mais especificamente, relata o pedido de casamento de dr. Pellado pela mão de Xandoca.

O cenário da charge possui poucos elementos, porém a narrativa que acompanha a charge situa o leitor em diferentes ambientes: primeiro em algum lugar onde o bacharel lê um jornal e constata que Dona Xandoca era normalista. Depois ele está a caminho da casa de Xandoca, onde, no final da história, uma cadeira entra em cena.

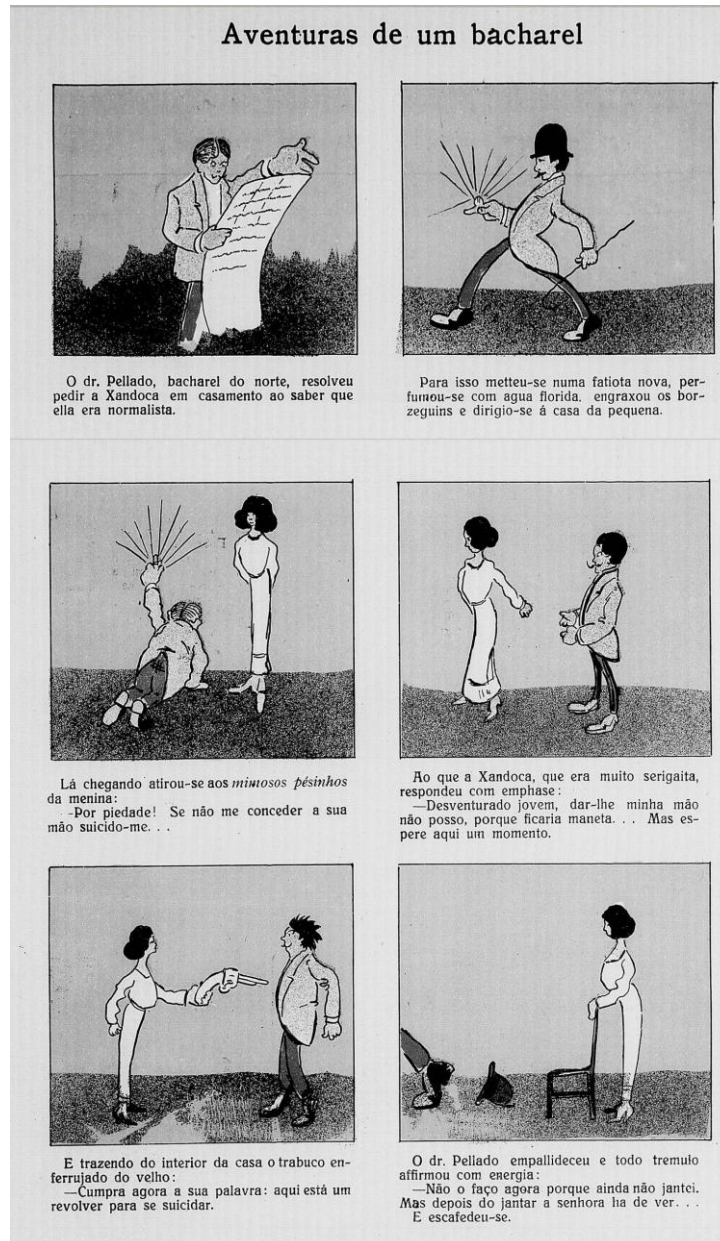


FIGURA 1: A BOMBA, Curitiba, nº 13, p. 34, outubro de 1913. Aventuras de um Bacharel.

No segundo e terceiro quadro, o homem segura um anel de noivado, que pode ser percebido pelas linhas que remetem ao brilho do objeto. No terceiro quadro, o homem está ajoelhado e oferece o precioso e delicado objeto à mulher, fazendo referência ao pedido de casamento. Ao ajoelhar-se, é simbolizada uma conduta social imposta como paradigma de que o homem ao pedir a mão de uma mulher, deve inclinar-se diante dela, como um gesto cortês e de respeito, “a moda antiga”.

Vale notar que em alguns momentos referem-se à mulher na charge com outras palavras: da pequena, da menina, *serigaita*. Quando é utilizado o adjetivo pequena e o sujeito menina, a mulher é mencionada com certa sutileza e ingenuidade. A palavra *serigaita* é inserida no texto da seguinte forma: “Ao que Xandoca, que era muito *serigaita*, respondeu com *emphase*”. Nesta parte da narrativa, a mulher é vista com outros olhos, pois a palavra *serigaita* remete a uma mulher ousada, atrevida. No sentido mais pejorativo, é sinônimo de prostituta, “mulher da vida”. No entanto, nesta charge ocorreu um instante de mérito, mostrando que ela pode responder à altura de suas escolhas.

Até este momento (quadrinho número 4), o roteiro da história conta a decisão do bacharel em pedir a mão de dona Xandoca. O homem vai até a casa dela, com o intuito de conquistá-la, conforme legenda da figura quatro da charge: “Para isso, meteu-se numa fatiota nova, perfumou-se com água florida, engraxou os borzeguins, e dirigio-se á casa da pequena.”.

No próximo quadro, de número 5, o homem “atirou-se aos mimosos pesinhos da menina: - Por piedade! Se não me conceder a sua mão suicido-me...”. Nesta fala, o homem se coloca inferior à mulher, pois lhe pede piedade. Como sinônimo de compadecimento, ele se coloca impotente e incapaz de produzir na mulher um sentimento de desejo. Em nenhum momento a mulher almeja o homem da charge, pelo contrário, ele se mostra abalado e imprudente, quando se sujeita ao suicídio, caso dona Xandoca não aceite seu pedido. Ou seja, a mulher na charge aceitaria casar-se com o homem por compaixão e nada mais.

Dona Xandoca responde no próximo quadrinho com certa ironia: “Desventurado jovem, dar-lhe minha mão não posso, porque ficaria maneta...Mas espere aqui um momento”. A mulher sai do ambiente e retorna trazendo “o trabuco enferrujado do velho” intimando-o a usar um revólver para se suicidar. Entende-se que o objeto seja do “velho” pai ou talvez do falecido marido. Neste momento, uma nova faceta da mulher é proposta na charge e os costumes invertidos, pois conforme condutas e diretrizes sociais, uma mulher não era bem vista se portasse consigo uma arma de fogo. Também quando ela se nega a casar-se com o bacharel, ela não o faz de maneira sutil simplesmente dizendo não, mas ironicamente debocha da oferta que o homem lhe faz, levando-o a cumprir a ameaça de suicidar-se.

Neste sentido, a representação da mulher na charge mostra que a normalista é decidida e segura de si, além de determinada a ponto de zombar de um homem utilizando um objeto perigoso – o revólver. A mulher torna-se uma pequena ameaça ao homem. Outra

questão é também abordada, rompendo com a ideia de que a mulher era sempre a escolhida pelo homem, pois ela se nega ao casamento, numa posição moderna, agindo com certa dominação nos seus atos. Há de se considerar que a representação sobre as normalistas as colocava em posição de formação elevada, levando em conta o grau de preparação educacional de que usufruíam as demais mulheres.

Por fim, mostra-se o bacharel saindo apressadamente devido à inesperada situação, pois aparece somente uma de suas pernas, indicando movimento de passos bruscos. Deixa até seu chapéu caído no chão, o que indica que ele sai rapidamente como ação de espanto pela atitude de dona Xandoca. Esta, por sua vez mostra uma postura vitoriosa. O homem responde que não fará o prometido no momento - suicidar-se, como uma desculpa à derrota, ameaça retornar após o jantar, no entanto “escafedeu-se”.

Conclusão

Constata-se na charge selecionada na revista *A Bomba* que, charge e narrativa constroem um momento de superioridade da mulher, que se mostra determinada e não se abala, assumindo sua escolha referente ao seu estado civil. Os autores, ao mesmo tempo que tratam desta nova mulher o fazem com humor, levando os leitores a refletirem sobre a mudança de comportamento do gênero feminino. Por outro lado, o homem é representado pela ação de fuga, como uma desculpa por seus atos e propostas exageradas.

A rejeição é tratada de forma cômica, mostrando que a mulher, além de perceber que as intenções do homem eram supérfluas, revida os atos do mesmo com repúdio. Conforme visto em Chartier (1990, p.17) “As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas)...” que procuram afirmar as escolhas das pessoas em seu meio social. Neste sentido, a mulher mostra sua autoridade e a sua busca pelo respeito às suas escolhas, “sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”. No caso da charge, respeito à escolha da profissão normalista, da opção de escolher, e não ser escolhida e respeito à dignidade de ser mulher mesmo que a cadeira a sua frente fique vazia.

Constata-se ainda, que a imprensa de um modo geral procurava guiar a conduta das mulheres, porém a revista *A Bomba*, percebendo essa intenção, tenta romper com esta imagem da mulher dependente e submissa procurando mostrar que ela, além de perspicaz, está percebendo novas possibilidades de inserção social.

Referências

- A Bomba. Curitiba, v.1, n. 13, out. 1913. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira < <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/bomba/721077> > Acesso em: 12 mar. 2013
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1990
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Uma introdução aos estudos culturais**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 9, dez. 1998.
- DUVERGER, Maurice. **Os Regimes Políticos**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976
- KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: UDESC, 2011.
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista. Imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MATTELART, Armand. **Introdução aos estudos culturais**. / Armand Mattelart, Érik Neveu / Marcos Marcionilo. - São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- NEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma Outra História: Imaginando o Imaginário**. Revista Brasileira de História. 1995. Vol. 15, nº 29. São Paulo. pp 9-27. Disponível em: www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3370. Acesso em: 20 mai. 2012.
- PERROT, Michelle. **A vida em família**. In: PERROT, Michelle (org.) História da vida privada 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras. 1991, p. 187-192.
- QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **As Representações da Mulher na Revista A Bomba (1913)**. In: Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte, Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2006.
- SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCOTT, Ana Silvia. **O caleidoscópio dos arranjos familiares**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; EDRO, Joana Maria (orgs.). Nova História das Mulheres. Editora Contexto: São Paulo, 2012. (pp. 15-42).
- SULLEROT, Evelyne. *La Presse Féminine*. Paris: Armand Colin, 1963.
- SUTIL, Marcelo Saldanha. **Espelhos por fora, miragens por dentro: a cidade e o morar no início do século XX**. Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 28, pp. 249-268, mar/2002. Curitiba. Disponível em: http://www.utp.br/tuiutienciaecultura/ciclo_2/FCHLA/FCHLA%2028/PDF/art%2012.pdf. Acesso em jan. 2014.